
GESÙ NOSTRO REDENTORE. LA VIA CRISTIANA ALLA SALVEZZA

Gerald O'Collins

Queriniana: Brescia, 2009. 291 p. Trad. de Daniele Silvestri.
(Biblioteca di teologia contemporanea 145)

Embora a obra salvífica de Jesus Cristo em favor dos seres humanos e de toda a criação seja um dado básico em qualquer reflexão teológica, aqui está uma obra dedicada exclusivamente à soteriologia. Trata-se de um tema vasto e complexo, haja vista seu desenvolvimento na Escritura e na tradição. Ciente disto, O'Collins não pretende esgotá-lo, e sim fazer uma abordagem sistemática onde a salvação seja estudada em seu tríplice acontecer: “fato” *passado*, experiência *presente*, esperança *futura*.

O prefácio põe algumas questões básicas em torno do Salvador Jesus Cristo e da salvação operada por ele, salvação que possui alcance pessoal e comunitário, histórico e escatológico, local e cósmico. A imagem que se tem de Deus e de seus *sentimentos* para com o ser humano constitui elemento decisivo para uma correta compreensão de todo esse processo. Seguem doze capítulos que desenvolvem o tema com o apoio da Bíblia, da tradição teológica e da arte (literatura, música, artes plásticas).

No primeiro, o autor constata que até hoje não se chegou à devida clareza na terminologia, nem a uma visão unitária da soteriologia. Mesmo assim, existem cinco palavras-chave, denotando cada uma delas determinada dimensão do mistério: redenção, salvação, reparação, reconciliação, expiação. Encontramo-las na Escritura, na liturgia, nas profissões de fé e nas expressões artísticas.

O capítulo segundo gira em torno da criação e da responsabilidade do ser humano em relação aos demais seres criados. Depois de um ligeiro aceno a questões cosmológicas atuais, vem a abordagem à luz da fé, com destaque para a criação em Cristo e para a atividade criadora do Espírito Santo, atividade afirmada no Antigo, mas não assumida nem desenvolvida pelo Novo Testamento. Particular atenção é dispensada à figura do Cristo Novo ou Segundo Adão, dada a retomada constante dessa figura pela tradição até nossos dias. Com ela, alcançamos um melhor entendimento da profundidade e da universalidade da redenção.

O terceiro capítulo se volta para a condição humana e sua trágica situação, que tem como causa primordial o pecado. Mas, na abordagem desse tema, dever-se-ia mesmo partir do pecado? Cinco objeções se contrapõem a essa primazia do pecado. Duas delas: o Oriente prefere partir da ressurreição e da descida do Espírito Santo; prosseguindo nesta linha, um correto olhar sobre o pecado só é possível, se ele for situado como um elemento *segundo* no horizonte da redenção. O'Collins opta pela posição de Paulo que, na Epístola aos Romanos, parte do ser humano pecador. Em seguida, examina os vários aspectos da redenção e apresenta um panorama do pecado no Antigo, no Novo Testamento e na história da teologia, com destaque para Gn 1-11, profetas e sapienciais, Sl 50, escritos joaninos e paulinos, Agostinho. O Doutor de Hipona, com suas três definições de pecado, influencia a tradição cristã até hoje, fazendo-a oscilar entre uma concepção legalista e uma concepção relacional do pecado. A teologia contemporânea aproxima-se mais da concepção relacional, onde se acentuam as implicações pessoais do pecado e sua repercussão na Igreja e no mundo. O desenvolvimento do tema na Escritura e na tradição explicitou a diversidade de aspectos integrantes do pecado: escravidão, corrupção, falência no amor,

culto a deuses falsos e escravizadores, avidez da posse dos bens, do sucesso e do poder. Explicitou também a força e as fontes do pecado: “demônios interiores”, forças econômicas, sociais e políticas. Em meio a tudo isso e para além de um otimismo ingênuo ou de um pessimismo sem remédio, o ser humano reconhece sua profunda pecaminosidade, sua incapacidade de superá-la a partir de si mesmo, a necessidade de um Redentor.

Antes, porém, de tratar da obra redentora do Cristo, o autor dedica o quarto capítulo ao pecado original e ao batismo das crianças. A novidade desse capítulo é a valorização intrínseca da criança, considerada algo mais do que mero *ser em transição*. Para além de qualquer sentimentalismo, a criança tem uma contribuição original a dar à vida da Igreja.

O capítulo quinto articula cristologia e soteriologia. A existência terrena de Jesus em sua totalidade, e não apenas a morte de cruz, possui significado salvífico. É nessa perspectiva que O'Collins apresenta os mistérios do Senhor: encarnação, infância, crescimento humano, ministério público, anúncio do Reino de Deus, paixão, morte, descida entre os mortos, ressurreição, Espírito Santo, parusia. São importantes ainda os títulos e as imagens verbais e visuais no esforço por compreender a história da redenção.

Os capítulos seguintes vão falar da redenção em sua atuação concreta e permanente. Redenção e libertação do mal: este é o tema do sexto capítulo, que inicia com uma reflexão sobre o Cristo libertador na esteira da teologia da libertação. Em seguida, entra a questão do mal que O'Collins entende como potência pessoal de que necessitamos ser libertados. A reflexão se desenvolve com uma interessante mistura de elementos da Bíblia, da liturgia, da literatura e chega a conclusões esclarecedoras: a redenção é uma libertação das várias espécies de mal, a libertação que se suplica nas orações bíblicas é para efetivar-se aqui e agora, e não apenas em um futuro mais ou menos longínquo, a eficácia dos eventos salvíficos da história de Israel e da ressurreição do Senhor continua no presente. Também não faltam objeções sobre a redenção – libertação em Cristo. Uma delas questiona se não seria irreal a propalada vitória de Cristo, dada a presença do mal e do pecado no mundo. O'Collins responde com base no *já* e no *ainda não* da esperança cristã, bem como no fato de que a participação presente na vitória de Cristo capacita o fiel à luta contra o mal já vencido, embora ainda capaz de agir poderosamente até o fim da história.

No capítulo sétimo, a teoria da substituição penal é sujeita a uma

análise crítica. Anselmo, Tomás de Aquino, a Reforma, o concílio de Trento, a ação de pregadores católicos e protestantes representam marcos no desenvolvimento dessa teoria que, lamentavelmente, entenderá a redenção na perspectiva de um apaziguamento da ira divina mediante os sofrimentos de um substituto penal. O que parece incompatível com a mensagem central de textos do Novo Testamento. Um exemplo: Lc 15,11-32. O capítulo prossegue comentando uma série de textos do Antigo e do Novo Testamento, demorando-se mais no Sl 22, em Is 53 e em três textos paulinos: Gl 3,13; 2Cor 5,21; Rm 8,3-4. Embora rejeite a teoria da substituição penal: Cristo não sofreu para aplacar a ira de Deus, O'Collins defende que se deve continuar a falar em um sacrifício fundado sobre o amor e que conduz à comunhão dos seres entre si e com a Trindade.

O tema do sacrifício é aprofundado no oitavo capítulo, que começa com uma síntese da noção de sacrifício e de uma defesa do emprego dessa noção apoiada em cinco pontos. Um deles, certamente o que mais necessita de um aprofundamento teológico, vê na morte de Jesus uma misteriosa convergência entre a maldade humana e o amor divino. Qual o sentido da palavra: “não era necessário que o Cristo sofresse tudo

isso para entrar em sua glória?” (Lc 24,26). Se existem pontos de apoio, existem também correções a serem feitas no emprego desse vocabulário. Sacrifício não se limita ao culto, mas também implica disposição interior e comportamento. Pode-se falar ainda em expiação entendendo-a como substituição ou como expiação. Ambas as expressões são insatisfatórias, se se permanece no plano extrínseco. De um modo ou de outro é indispensável a participação pessoal no ato redentor do Cristo.

O capítulo nono relaciona soteriologia e Trindade. A salvação cristã são as três pessoas divinas no gratuito dom de si mesmas revelado na presença e na atividade de Jesus. Por ser uma realidade fundamentada no amor, nela está implicada a possibilidade de rejeição. Por outro lado, o amor não dissolve os amantes, não elimina sua identidade, mas, pelo contrário, a fortalece. Sendo assim, na Trindade as três pessoas se dão uma à outra e uma com a outra, mas sem desaparecer uma na outra. Na salvação, a divinização do ser humano significa participar não da substância divina, e sim da relação de amor do Filho com o Pai no Espírito Santo. Esta é a vida eterna e ela começa já desde agora, pois o dom do Deus Amor é um “presente contínuo”, está sempre acontecendo.

Na experiência presente da salvação atuam o Ressuscitado, o Espírito e a Igreja. Este é o tema do décimo capítulo. A presença atuante de Jesus prossegue por meio do sistema sacramental da Igreja e para além dele. Para que isto aconteça é essencial o dom do Espírito Santo que, longe de ser um evento isolado, continua ativo ainda hoje. É assim que o Pentecostes se desdobra na vida da Igreja. É por meio do Espírito Santo que fazemos a experiência dos efeitos da salvação realizada na vida, morte e ressurreição de Jesus. A inabitação do Espírito e a incorporação em Cristo constituem duas dimensões de uma única experiência. O Espírito Santo é uma pessoa divina que agindo em interação com o Cristo realiza comunhão, cria beleza e vida, garante a presença do Ressuscitado na Igreja, na humanidade, na criação inteira.

Acha-se agora preparado o terreno para a abordagem de um assunto da maior atualidade: a salvação dos não-cristãos. Jesus Cristo é o salvador. Sua missão salvífica possui caráter absolutamente universal. Mas como pode um sujeito humano concreto, o judeu palestinese Jesus de Nazaré, ser o caminho de salvação para toda a humanidade e para cada pessoa humana, em todo tempo e lugar, e não só: a salvação em seu Nome possui alcance cósmico! No

décimo primeiro capítulo, O'Collins enfrenta esse tema tendo como pano de fundo o que diz a Bíblia, o que pensavam os primeiros cristãos, a colocação do problema no presente, após dois mil anos de cristianismo. Em cinco considerações, o Novo Testamento fundamenta a presença e a função salvífica universal de Cristo: Jesus Cristo e o Espírito Santo, Jesus Cristo e o Reino de Deus, a encarnação e a relação do Verbo com toda a humanidade, o Cristo enquanto Palavra e Sabedoria, o Cristo enquanto Luz e vida. Não há, pois, “nenhum lugar ‘fora de Cristo’ porque não há nenhum lugar ‘fora’ da graça e do Espírito Santo” (p. 234). Em seu papel absolutamente singular e normativo na história da salvação, Cristo Sabedoria se encontra presente e ativo nos fiéis das religiões e, por dentro delas, opera a salvação. Afinal de contas, o amor de Deus é a fonte de onde promana o desígnio de criação e redenção em Jesus Cristo. Este capítulo termina com algumas considerações em torno da salvação e revelação, e da relação entre Reino de Deus e Igreja.

Com o capítulo doze chegamos à realização escatológica da salvação, que abrange a ressurreição da carne e a transformação do mundo. O'Collins começa com a afirmação inusitada de que embora seja o Re-

dentor, Jesus, em virtude da extraordinária solidariedade com a raça humana, mereceu a salvação também para si próprio (Cf. *Suma teológica*, III, 48, 1, *respondeo*). Prossegue comentando Mc 16,1-8 e fazendo algumas observações em torno da linguagem da ressurreição nos escritos paulinos e noutros escritos do Novo Testamento. Enquanto Paulo atribui a ressurreição de Jesus ao Pai, os outros escritos acentuam mais o papel ativo de Jesus. Passa, em seguida, à ressurreição dos seres humanos e suas expressões na arte, na literatura e na música, ao sinal do túmulo vazio e seu valor para a redenção, à relação entre a ressurreição de Jesus e a nossa, à continuidade e às diferenças entre ambas, à questão matéria e espírito e seus desdobramentos. Tudo é dito com cautela, uma vez que a condição humana presente impõe limites a todo discurso sobre a ressurreição. Quanto à transformação do universo, deve-se levar em conta que ele já não é mais compreendido como um sistema rigidamente fechado de causas e efeitos. O que, no âmbito da fé, significa a possibilidade de ações qualitativamente distintas do agir divino ordinário. Isto já sucedeu em diversos momentos da história e sucederá no fim dos tempos. Um ligeiro comentário ao *Hino à matéria*, de Theilhard de Chardin termina o capítulo.

No epílogo, O'Collins retoma em forma de síntese sua longa reflexão teológica com a qual buscou responder à pergunta: o que significa chamar Cristo “Nosso Redentor”? Comenta ainda o “trono da graça”, considerado por ele a mais importante representação da Trindade. Uma bibliografia escolhida fornece ao leitor pistas para um posterior aprofundamento. Chama a atenção neste livro

a inserção da arte (literatura, música, artes plásticas) na reflexão teológica do autor, mediante a referência a obras que alcançam densidade teológica em sua manifestação da beleza. Quando estudante ouvia dizer que o estudo da teologia devia ser acompanhado pela leitura de grandes romances. Não apenas a filosofia, mas também a arte pode ser uma mediação na tarefa de inteligência e expressão da fé.

Antonio Alves de Melo

Instituto de Filosofia e de Teologia Paulo VI

Rua Bolívia, 309

Metrópole

26215-250 Nova Iguaçu – RJ – BRASIL

E-mail: antomelo2006@uol.com.br

Recebido em aprovado 05/12/2010